

**GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURRÍCULO DA PEDAGOGIA:  
MOVIMENTOS CURRICULARES NA FORMAÇÃO TRANSVERSAL**

**GENDER AND SEXUALITY IN THE CURRICULUM OF PEDAGOGY:  
CURRICULUM MOVEMENTS IN TRANSVERSAL TRAINING**

**GÉNERO Y SEXUALIDAD EN EL CURRÍCULO DE PEDAGOGÍA:  
MOVIMIENTOS CURRICULARES EN LA FORMACIÓN  
TRANSVERSAL**

**Alexandre Gomes Soares<sup>1</sup>**  
**Marlucy Alves Paraíso<sup>2</sup>**

**Resumo**

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de Pós-doutorado realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a qual propôs analisar as percepções de docentes e discentes sobre gênero e sexualidade no currículo da Pedagogia na formação transversal nessa instituição de Ensino Superior. O objetivo foi compreender os percursos curriculares propostos na formação transversal. A pesquisa de natureza pós-crítica envolveu expectativas do pesquisador, contextos da proposta de pesquisa, variáveis que abrangem os sujeitos, bem como os aportes teóricos dessa perspectiva. Ficou evidenciado que, no currículo, gênero e sexualidade no Ensino Superior se realizam na composição do estranhamento, da resistência, da invenção, da criatividade e na percepção do currículo como território de afirmação da vida. As análises possibilitaram identificar os movimentos curriculares das disciplinas transversais com foco em gênero e sexualidade como estratégias de inserção dessas temáticas na Graduação em Pedagogia.

**Palavras-chave:** Gênero; Sexualidade; Formação Transversal; Pedagogia.

**Abstract**

This work is a Postdoctoral investigation cutoff carried out at the Faculty of Education of the Federal University of Minas Gerais, which proposed to analyze the perceptions of professors and students about gender and sexuality in the curriculum of Pedagogy in the transversal training in this Higher Education institution. The aim was to understand the curricular paths proposed in transversal training. The research of post-critical nature involved the researcher's expectations, contexts of the research proposal, variables that cover the subjects, as well as the theoretical contributions of this perspective. It was evidenced that, in the curriculum, gender and sexuality in Higher Education take place in the composition of strangeness, resistance, invention, creativity and in the

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenador Pedagógico no 1º e 2º Ciclos na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas/UFMG. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6835-1155>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2280707646300775>.

E-mail: [prof.alexhis@gmail.com](mailto:prof.alexhis@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora 1C do CNPq e Vice-presidente da ABdC: Associação Brasileira de Currículo. Supervisora do Pós-Doutorado. Coordenadora do GECC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas/UFMG. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3542-4650>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4839214907972946>. E-mail: [marlucyparaíso@gmail.com](mailto:marlucyparaíso@gmail.com)

perception of the curriculum as a territory of life affirmation. The analyzes made it possible to identify curricular movements of the transversal disciplines with a focus on gender and sexuality as strategies for the insertion of these themes in the Pedagogy undergraduate course.

**Keywords:** Gender; Sexuality; Transversal Training; Pedagogy.

### Resumen

Este trabajo es un extracto de una investigación Postdoctoral realizada en la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Minas Gerais, que propuso analizar las percepciones de docentes y estudiantes sobre género y sexualidad en el currículo de Pedagogía en formación transversal en esta institución de Educación superior. El objetivo es comprender los caminos curriculares propuestos en la formación transversal. La investigación poscrítica involucra las expectativas del investigador, los contextos de la propuesta de investigación, las variables que abarcan los temas, así como los aportes teóricos desde esta perspectiva. Se evidenció que el currículo de género y sexualidad en la Educación Superior se ubica en la composición del alejamiento, la resistencia, la invención, la creatividad y en la percepción del currículo como territorio de afirmación de la vida. Los análisis permitieron identificar cómo los movimientos curriculares de materias transversales enfocadas en género y sexualidad se identifican como estrategias para la inserción de estos temas en el Programa de Grado en Pedagogía.

**Palabras clave:** Género; Sexualidad; Formación transversal; Pedagogía.

### Introdução

O presente trabalho é um recorte de uma pesquisa de Pós-doutorado realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), a qual propôs analisar as percepções de docentes e discentes sobre gênero e sexualidade no currículo da Pedagogia na formação transversal nessa instituição de Ensino Superior. O objetivo também constitui compreender os percursos curriculares propostos na formação transversal. O objeto aqui analisado compreende os modos como 12 acadêmicas/os e três docentes experimentaram a formação transversal em gênero e sexualidade, os percursos curriculares delineados em três disciplinas ofertadas no eixo Gênero e Sexualidade: Perspectivas *Queer*/Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexos (LGBTI) pelo curso de Pedagogia. Buscamos demonstrar o que se ensina e o que se aprende sobre gênero e sexualidade no âmbito curricular da formação transversal no Ensino Superior.

Estudos que versam sobre a formação de gênero e sexualidade no Ensino Superior têm se ampliado em vários programas de Pós-Graduação no território nacional e internacional. Pesquisas mais recentes da área de Educação no âmbito curricular, a partir do enfoque de gênero (Campos, 2011; Castro, 2014; Costa, 2014; Ferrari et al., 2021; Ferreira, 2013; Hampel, 2013; Martins, 2012; Reis, 2011; Santos, 2011; Silva, 2012; Unbehaum, 2014), evidenciam a ampliação relevante em várias perspectivas de análises e em pontos relacionados ao surgimento

dessas questões na sala de aula, nos planos de aula e no Projeto Político Pedagógico (PPP) das instituições bem como na inovação curricular no Ensino Superior.

Cabe ponderar que essas pesquisas apontam dimensões que permeiam os olhares de universitárias/os e egressas/os do curso de Pedagogia sobre a dificuldade de visualizar e intervir nos marcadores de gênero e sexualidade na escola e outras instituições da sociedade. Além disso, universitárias/os e egressas/os vivenciam matrizes com poucas disciplinas obrigatórias e optativas com ênfase nesses marcadores sociais, e algumas/alguns universitárias/os e egressas/os relatam que as disciplinas são desenvolvidas de forma segmentada ou sem articulação mais ampla na universidade.

Nesse campo da formação docente, é oportuno mencionar que o Censo da Educação Superior, realizado em 2018 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), divulgado em 2020, descreve que, no Brasil, existia 37.962 cursos de Graduação, dos quais 7.415 são cursos de Licenciatura, 6.419 constituem a modalidade de ensino presencial e 996 encontram-se na modalidade a distância – isso equivale a 19,5% no âmbito do grau acadêmico no país. A Licenciatura em Pedagogia figura como o curso com maior número de matrículas, totalizando 747.890, apresentando sua composição com 92,5% de estudantes do sexo feminino<sup>3</sup> e 7,5% do sexo masculino. O curso é descrito no Censo com maior predominância feminina em qualquer grau acadêmico (Licenciatura, Bacharelado e Tecnológico).

Considerando os avanços no âmbito das pesquisas desses marcadores, os desafios que foram indicados na ampliação e na apropriação dos marcadores de gênero e sexualidade na formação profissional, incluindo o crescimento do acesso no Ensino Superior e a caracterização da composição do curso de Pedagogia, ainda há lacunas no campo educacional de pesquisas sobre gênero e sexualidade no currículo da Pedagogia na formação transversal.

### **Aspectos teórico-metodológicos**

Pensar os aspectos teóricos metodológicos de uma pesquisa de natureza pós-crítica envolve expectativas do pesquisador, contextos da proposta de pesquisa, variáveis que

---

<sup>3</sup> Pesquisas sobre a inserção de mulheres no magistério e os processos sociais relacionados a essa profissão podem ser percebidos na produção de Vianna (2001). Para mais detalhes sobre sua produção ver Vianna (2002).

abrangem os sujeitos que estão no escopo do projeto no biênio de 2020 a 2021. O campo das metodologias pós-críticas refere-se, aqui, aos “caminhos a percorrer, de percursos a trilhar, de trajetos a realizar, de formas que sempre têm por base um conteúdo” (Meyer & Paraíso, 2014, p. 15). Em um primeiro momento, para alcançar os objetivos de identificar os desafios e as potencialidades da transversalização de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia na FaE/UFMG, foi feito um mapeamento das disciplinas de formação transversal junto à instituição. As escolhas das disciplinas ocorreram por meio da análise dos vários catálogos produzidos pela instituição sobre as formações transversais (UFMG, 2016, 2017, 2018a, 2018b, 2018c).

Em um segundo momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três docentes que lecionavam disciplinas na formação transversal. As entrevistas<sup>4</sup> foram transcritas com o intuito de organizar o material empírico e possibilitar a realização de leitura e releituras de modo a encontrar categorias. Na pré-análise, as transcrições das entrevistas foram lidas para identificação prévia de possíveis unidades de dados e categorias baseadas na revisão da literatura. Na fase da codificação, a qual compreende as frases das entrevistas que foram separadas, foram atribuídos sinônimos a cada unidade de dados e/ ou contexto, de forma que todo o material da entrevista foi exaustivamente utilizado.

Em um terceiro momento, foram identificadas, por meio do Google Formulário, as percepções de 12 discentes acerca da inserção da discussão de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia no âmbito da formação transversal. No desenvolvimento do questionário, foram

---

<sup>4</sup> Foram identificadas, na análise, três atributos básicos que podem ser visualizados em componentes no entorno das disciplinas, características das disciplinas, desafios na aplicação da disciplina. Na primeira categoria denominada de “componentes no entorno das disciplinas”, buscou-se indicar atitudes da docência que permeiam o interesse de discutir os marcadores de gênero e sexualidade, a construção de ações dos docentes envolvidos com as disciplinas e sua oferta, o envolvimento pessoal, ético e emocional com as temáticas. As percepções das docências sobre os/as universitários/as na perspectiva do tema para a prática profissional, as motivações deles/as para cursar as disciplinas, aspectos governamentais e da política educacional – componentes que influenciam, de certa forma, sua existência e seu funcionamento. Na segunda categoria, chamada de “características das disciplinas”, procurou-se identificar como as disciplinas são ministradas e quais suas composições curriculares, perfil do público-alvo, ementa e carga horária, disposição na formação transversal, relações com outras disciplinas, demandas de formação na perspectiva de gênero e sexualidade. Como terceira categoria, tem-se os desafios na aplicação da disciplina que podem ser compreendidos na perspectiva de obstáculos, bem como possibilidades perante a essa aplicação da disciplina. São aspectos que estão na base de divulgação da formação transversal na universidade, preconceções que surgem na sala de aula. Destaca-se que, em análise qualitativa, é fundamental citar variáveis de contexto, como sendo potencialmente determinantes do comportamento/ estruturas do objeto de estudo.

propostas questões abertas em diferentes perspectivas, tais como: i) a participação ou não das/os estudantes em atividades de pesquisas ou extensão promovida pela UFMG com foco em gênero e diversidade sexual; ii) como notam a inserção da temática de gênero e sexualidade na academia; iii) como percebem a abordagem de gênero e sexualidade na formação inicial de professoras/es, sobretudo as/os licenciadas/os em Pedagogia na UFMG; iv) como enxergam a atuação da Educação Básica relativa aos marcadores sociais de gênero e diversidade sexual no século XXI; v) qual foi a motivação em escolher uma disciplina da formação transversal com foco em gênero e sexualidade. Destaca-se, aqui, que tais ações foram realizadas com base nas orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual descritas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa<sup>5</sup>.

A categorização indica a forma na qual os códigos foram organizados, a saber: i) Categorização: os códigos relatados foram organizados em categorias; ii) Quantificação: os códigos e as categorias foram quantificados com base na frequência com que foram mencionados pelas professoras e pelo professor. As etapas descritas no processo de análise de conteúdo envolvem uma aproximação recorrente com a produção de dados realizada junto aos entrevistados. A fundamentação teórica adotada nesse percurso foi de Bauer e Gaskell (2002). A análise de conteúdo “reduz a complexidade de uma coleção de textos. A classificação sistemática e a contagem de unidades do texto instigam uma grande quantidade de material em uma descrição curta de algumas de suas características” (Bauer & Gaskell, 2002, p. 191). Dessa forma, o interesse por gênero e sexualidade no currículo da Pedagogia na formação transversal possibilita demonstrar o que se ensina e o que se aprende sobre essa temática no Ensino Superior. O conceito de gênero adotado neste texto

[...] procura compreender o caráter social das diferenças entre homens e mulheres, com o indicativo de como o masculino e o feminino são socialmente produzidos. É um conceito que possibilita pensar e trabalhar com a perspectiva de várias formas de expressão das feminilidades e modos de expressar as masculinidades. Esse conceito movimentou a ênfase nas mulheres e a reflexão passou a ser as feminilidades e masculinidades (Louro, 2000, p. 114).

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre as orientações para procedimentos em pesquisas, consultar o Ofício Circular Nº 2/2021, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e da Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde do Mato Grosso do Sul (CONEP/SECNS/MS). Recuperado em 1 de janeiro de 2021 de [http://conselho.saude.gov.br/imagens/Oficio\\_Circular\\_2\\_24fev2021.pdf](http://conselho.saude.gov.br/imagens/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf). A pesquisa vincula-se ao registro de pesquisador pelo nº 2020709591.

Além disso, “busca enfatizar a construção relacional e a organização social das diferenças entre os sexos, desestabilizando dessa forma o determinismo biológico e econômico vigente” (Meyer, 2001, p. 32). O conceito de sexualidade refere-se “às formas como os sujeitos vivem seus prazeres e desejos sexuais; nesse sentido, as identidades sexuais estariam relacionadas aos diversos arranjos e parcerias que os sujeitos inventam” (Louro, 2000, p. 63). A sexualidade é socialmente construída e vivenciada de forma diferente em cada sociedade: fator que possibilita pensar como os sujeitos vivenciam suas práticas no âmbito cultural, social, suas expressões em cada sociedade e que se modificam ao longo da história (Louro, 2000).

O argumento aqui defendido parte do pressuposto de que os percursos curriculares, denominados de formação transversal em gênero e sexualidade no currículo da Pedagogia, proporcionam novas percepções de docentes e discentes sobre esses marcadores sociais, bem como indicam novos percursos educativos na perspectiva dessas temáticas, as estratégias e os desafios na formação docente com olhares para a futura prática profissional. Diante do exposto, entende-se o currículo como um território político, ético e estético “no qual se constroem percursos inusitados, caminhos mais leves, trajetos de esperança a serem percorridos” (Paraíso & Caldeira, 2018, p. 13). Além disso, o currículo como processo e práxis, o qual envolve um projeto de educação, abrange a realização de práticas educativas e a interpretação da docência com sujeitos concretos dentro de um contexto histórico e social (Sacristán, 2013). Na perspectiva pós-crítica, a concepção de currículo opera com a compreensão dos saberes que estão relacionados aos diversos marcadores de gênero e sexualidade. Ademais, compreende-se, nessa perceptiva teórica, o pluralismo de conceitos e diversos ângulos para lidar com o tema do currículo, em outras palavras, um currículo da experimentação. Nessa direção, é importante “pesquisar sobre as relações entre currículo, gênero e sexualidade, colocando em relevo as potencialidades da articulação entre esses conceitos para divulgar outros discursos” (Paraíso & Caldeira, 2018, p. 19), pois “há muito que se mudar na e a partir da educação superior para tornar os currículos e as experiências de aprendizagem de todos os/as estudantes significativos e empoderadores” (Carvalho et al., 2013, p. 325).

## **A transversalidade de gênero e sexualidade e a formação transversal na Universidade Federal de Minas Gerais**

A palavra “transversalidade” aparece no Dicionário *Online* de Português como: “Característica ou estado de transversal, do que se apresenta de modo oblíquo (inclinado), quando comparado a um referente”<sup>6</sup>. De forma integrante, é a característica “da disciplina que possibilita compreender outras, tendo em conta as relações estabelecidas entre elas”<sup>7</sup>. Essas noções básicas foram apresentadas com o intuito de pensar-se como essas características se entrecruzam e, de forma consecutiva, propor uma ligação com a discussão de transversalidade de gênero ou o *gender mainstreaming* e a formação transversal na UFMG, especialmente no curso de Pedagogia. A origem do termo “transversalidade de gênero” ocorreu no cenário internacional na IV Conferência Mundial das Mulheres em Beijing (China), em 1995. Nessa Conferência, foram pensadas propostas nos diversos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos que promovessem a equidade das mulheres. A transversalidade de gênero foi pensada como categoria fundante na estruturação de políticas públicas na esfera federal, estadual e municipal, com o intuito de avançar na produção de direitos sociais, culturais e econômicos na sociedade. Tal categoria tem sido muito empregada nos estudos de políticas públicas e os diversos níveis federativos, porém apresenta limites na implementação por “falta de recursos, capacitação ou gestão. Isso inclui a dificuldade em unificar as demandas encabeçadas pelos movimentos feministas, de mulheres, transfeministas e LGBTQTIQ+ em sua multiplicidade” (Andrade et al., 2019, p. 100).

No território brasileiro, surgiram algumas ações relacionadas às proposições nessa Conferência. Por exemplo, em 2013, foi apresentado o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM), cuja descrição em seus objetivos era construir diretrizes e ações que gerassem o aumento do acesso e da permanência das mulheres no Ensino Superior e Tecnológico com atenção para os marcadores sociais. Como segunda característica, foi indicada a articulação da formação continuada em gênero e diversidade no âmbito de programas da Universidade Aberta do Brasil (UAB) direcionada para profissionais da educação e demais profissionais do serviço público. No terceiro ponto, havia a busca pela redução da violência de

<sup>6</sup> Recuperado em 3 de janeiro de 2021 de <https://www.dicio.com.br/transversalidade/>

<sup>7</sup> Recuperado em 3 de janeiro de 2021 de <https://www.dicio.com.br/transversalidade/>

gênero na Educação Básica e no Ensino Superior e, também, o desenvolvimento de conhecimentos científicos sobre gênero e sexualidade nas instituições de Ensino Superior na interface com a Educação Básica.

A transversalidade de gênero, como marcador social da diferença, envolve pesquisas, diagnósticos, ações e políticas públicas em várias esferas da sociedade e está associada a outro direito humano que é a sexualidade. Refletir sobre gênero e sexualidade é apreender essas temáticas no âmbito dos direitos sexuais e direitos reprodutivos, bem como os reflexos desses debates nas políticas educacionais no Brasil como país signatário do documento oriundo da Conferência. De forma adicional, a transversalidade de gênero é “um grande desafio aos modelos de desenvolvimento e formas de intervenção prevalentes, pois lida com questões controversas, já que procura romper com os padrões estabelecidos” (Sardenberg, 2011, p. 34).

A transversalidade possibilita uma compreensão mais ampla das dinâmicas sociais, bem como proporciona a construção de ações baseadas nos direitos humanos. A transversalidade de gênero e sexualidade, como categoria de análise nos percursos curriculares da formação transversal no currículo da Pedagogia, pode indicar possibilidades de ensinar e aprender sobre esses marcadores. Silva (2007) argumenta que “o currículo é trajetória, viagem, percurso” (p. 150). Para situar melhor a relação entre a transversalidade de gênero e sexualidade e a formação transversal na UFMG, buscou-se, neste estudo, delinear brevemente sobre o percurso de criação das formações transversais.

A formação transversal na UFMG pode é caracterizada inicialmente como um conjunto de atividades pedagógicas (oficinas, disciplinas) ofertadas na instituição de Ensino Superior. O processo de criação das Formações Transversais teve a consolidação a partir da aprovação da Resolução Nº 19, de 7 de outubro de 2014, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, que instituiu a regulamentação para o funcionamento dessas estruturas formativas conforme a Pró-Reitoria de Graduação da UFMG (UFMG, 2014).

A formação transversal, nessa instituição, é composta por uma variedade de disciplinas com temas ligados aos Saberes Tradicionais; Divulgação Científica; Relações Étnico-Raciais, História da África e Cultura Afro-Brasileira, Culturas em Movimento e Processos Criativos; Direitos Humanos; Empreendedorismo e Inovação; Gênero e Sexualidade: Perspectivas *Queer/LGBTI*; Acessibilidade e Inclusão e Estudos Internacionais.

Especificamente, a formação transversal em Gênero e Sexualidade: Perspectivas *Queer*/LGBTI apresenta como intencionalidade “aproximar estudantes dos aportes teóricos-políticos-metodológicos organizados a partir das experiências *Queer*/LGBTI, considerando a transversalidade desse campo” (UFMG, 2018c, p. 34)<sup>8</sup>. A proposta formativa é composta por ações educativas que relacionam pesquisas e práticas conjugando experiências *Queer*/LGBTI no âmbito da pesquisa e, também, do ensino e da extensão. Essa composição curricular é aberta para todos os cursos, sendo as disciplinas cursadas registradas no histórico escolar. A carga horária total da formação é de pelo menos 360 horas-aula de concepção interdisciplinar e transdisciplinar, que possibilita uma certificação específica e emitida pela Pró-Reitoria de Graduação. A escolha de uma ou mais disciplinas podem ser cursadas de forma independente e pode(m) ser aproveitada(s) para integralização da carga horária de Formação Complementar Aberta descrita nos cursos de Graduação, porém sob análise dos colegiados. Inclusive a(s) disciplina(s) pode(m) ser adotada(s) pelos cursistas para o cumprimento de créditos de Formação Livre.

Compreende-se de forma inicial, nesta pesquisa, que os movimentos curriculares das disciplinas transversais com foco em gênero e sexualidade na FaE/UFMG buscam atuar com a diferença. A atuação com a diferença abre possibilidades de vários currículos ligados às demandas da sala de aula. Especialmente pensar as práticas pedagógicas no âmbito do currículo é estar atento ao acontecimento, aos aspectos singulares, aos arranjos e às composições que potencializam o currículo. Nesse sentido, as análises sobre as disciplinas transversais ofertadas na UFMG no eixo Gênero e Sexualidade: Perspectivas *Queer*/LGBTI no campo da formação docente pela FaE possibilitam visualizar ângulos para trabalhar com o currículo e suas interfaces com gênero e sexualidade.

Desde a constituição do eixo em 2017, foram ofertadas 54 disciplinas e oito oficinas com características de formação ampla e diversa que envolvem atividades de experimentação, diálogo e formação humana. Desse rol de disciplinas ofertadas, especificamente buscou-se, neste estudo, as disciplinas que foram ofertadas pela FaE, especialmente o curso de Pedagogia. A delimitação pelo curso de Pedagogia tem relação com a inserção dos profissionais da Educação na base de uma transformação social com atuação em diversas áreas formais e não

---

<sup>8</sup> Dados produzidos por meio de leituras e análises dos catálogos com características das formações transversais.

formais de educação. As disciplinas ofertadas na FaE com foco nos marcadores de gênero e sexualidade foram: Educação, Sexualidade e Gênero (2017/2); Gênero e Educação (2018/1); Tópicos em Gestão da Educação: Gêneros e sexualidades nos currículos (2020/2).

A composição identificada na análise tem como intuito desenhar os movimentos curriculares das disciplinas. Foram selecionadas, na análise, três atributos básicos que podem ser visualizados, a saber: componentes no entorno das disciplinas, características das disciplinas, desafios para lecionar a disciplina.

Na primeira categoria, denominada de *Componentes no entorno das disciplinas*, buscou-se indicar atitudes da docência que permeiam o interesse de discutir os marcadores de gênero e sexualidade, a construção de ações das/o docentes envolvidos com as disciplinas e sua oferta, o envolvimento pessoal, ético e emocional com as temáticas. As percepções das/o docentes sobre as/os universitárias/os na perspectiva do tema para a prática profissional, as motivações delas/es para cursar as disciplinas, aspectos governamentais e da política educacional. Esses componentes influenciam, de certa forma, sua existência e seu funcionamento.

Na segunda categoria, chamada de *Características das disciplinas*, procurou-se identificar como as disciplinas são ministradas e quais suas composições curriculares, perfil do público-alvo, ementa e carga horária, disposição na formação transversal, relações com outras disciplinas, demandas de formação na perspectiva de gênero e sexualidade.

Como terceira categoria, tem-se *Desafios e possibilidades para lecionar a disciplina*, que podem ser compreendidos na perspectiva de obstáculos, bem como possibilidades perante a aplicação da disciplina. Esses aspectos estão na base de divulgação da formação transversal na universidade, preconceções que surgem na sala de aula.

### **Composições curriculares na formação docente: sujeitos**

As composições curriculares na formação docente permeiam as falas dos sujeitos que buscam constituir novas visões do campo de atuação, bem como compreender reflexões produzidas sobre as disciplinas e as demandas do campo educacional. Nesse sentido, apresentam-se algumas percepções dos sujeitos que vivenciaram as matrizes curriculares em questão:

Na maior parte das vezes, encontro em disciplinas especificamente voltadas para essas temáticas, é bastante raro ver uma discussão a respeito que apareça em espaços que não tenham sido previamente delimitados para ela (Universitária Frederica)<sup>9</sup>.

Muito rasa, a única matéria que tem na graduação não é obrigatória e não é um tema que perpassa outras disciplinas (Universitária Elektra).

Duas disciplinas obrigatórias tocam diretamente no assunto, e tantas outras têm tópicos relacionados. O maior problema é a discrepância entre o que é estudado na academia, e o que encontramos na prática (Universitário Papi).

Ele tanto pode fazer a formação transversal, e sair com um curso a mais registrado no diploma; uma habilitação, digamos assim; ou ele pode fazer as disciplinas da transversal, e usar as optativas do curso, não é, de validação. Então, eu acho que essa coisa de que todo semestre está sendo ofertado, seja pela gente que é da FaE, ou por professores da FAFICH, do Direito, da Medicina (Docente Ventania).

Esses excertos proporcionam introduzir o argumento sobre a articulação entre gênero, sexualidade e currículo nas formações transversais do curso de Pedagogia e as possibilidades de composições curriculares na formação docente que permeiam características das disciplinas, artefatos no entorno, desafios e possibilidades. Os registros das universitárias, do universitário e da docente indicam posições no âmbito da academia nos quais ocorrem a circulação desse debate e/ou não, bem como ações que envolvem a instituição e as pessoas que buscam sua formação nesse espaço do saber. Nesse viés, a percepção caminha na perspectiva de que as “escolas e academias, em suas práticas, experimentam continuidades e descontinuidades, realizam deslocamentos e, eventualmente, rupturas” (Louro, 1997, p. 120) nessa relação com o saber. Dessa maneira, é possível captar como esses marcadores compõem o currículo da Pedagogia em uma instituição pública de Ensino Superior. Tais percepções possibilitam analisar como os conhecimentos curriculares de gênero e sexualidade podem ser ensinados e aprendidos, bem como produzir análises de práticas e de composições curriculares e problematizar essas escolhas curriculares.

---

<sup>9</sup> Os nomes dos participantes da pesquisa foram modificados conforme normas éticas de pesquisa. Especialmente nos nomes das/os universitárias foram adotados nomes da série “Pose”. É um programa de televisão de origem norte-americana que aborda o cenário LGBT afro-americano e latino-americano da cidade de Nova Iorque e que atualmente já exibe sua terceira e última temporada.

Ao buscar entender os movimentos curriculares das formações transversais com foco em gênero e sexualidade, encontram-se variáveis identificadas no entorno das disciplinas. Essas variáveis são marcadas pela atitude das professoras e do professor, pela visão da docência sobre a disciplina e das/os discentes nas aulas, pelas percepções de universitárias/os e ações do governo. As atitudes das professoras e do professor são compostas por várias estratégias no exercício da profissão docente. No primeiro ponto, reconhece-se um empenho da docência em trabalhar gênero e sexualidade e que, às vezes, realizam ações voluntárias por limitação ou corte de recursos financeiros no âmbito da produção do conhecimento, bem como produzem materiais e formações com recursos próprios.

Em segundo lugar, percebe-se a constituição de um grupo de profissionais envolvidos com as temáticas e que ofertam disciplinas de formação transversal de gênero e sexualidade na FaE. Nessa organização curricular, há demandas para que os profissionais ofereçam as disciplinas com regularidade. Diante dessa perspectiva, a Professora Sol relatou:

[...] ocorre muitas tensões e disputas de toda ordem numa construção curricular, porém destaco que mesmo não tendo instituído uma disciplina obrigatória na Faculdade de Educação sobre as questões de gênero e sexualidade aponto que a comunidade reconhece a relevância dessa discussão e formação, além disso não identifiquei impedimentos e dificuldades na Faculdade nem no período da reelaboração do currículo de Pedagogia. (Professora Solar, janeiro de 2021)

A percepção da professora sobre a inserção da disciplina como obrigatória expõe diálogos que mobilizam novas formas curriculares e a possibilidade de pensar ações que movimentam olhares para a formação docente. Paraíso (1997) ressalta que o “currículo é lugar de conflitos e lutas, tanto na seleção como na circulação, na organização, na legitimação, na distribuição e na avaliação dos conhecimentos” (p. 87). Louro (1997), no diálogo sobre as práticas educativas feministas, destaca que “são inúmeras as situações em que elas se envolvem em disputas ou debates acirrados” (p. 118) e distingue que — professoras ou não — não teriam conseguido produzir as teorizações e as transformações práticas que produziram se efetivamente estivessem ausentes dos jogos de poder.

A terceira marca refere-se ao envolvimento emocional da docência com a disciplina e um anseio de estimular a discussão, pois “*uma disciplina que me toca muito, me emociona muito, me sensibiliza muito, me entristece muito; mas, ao mesmo tempo ela me dá muito*

*orgulho de realizar, [...] proporcionar as discussões que são feitas”* (Professora Solar, janeiro de 2021). Tais sensações, descritas pela professora, se aproximam da experiência de Bell Hooks (2000) na disciplina com foco nos Estudos da Mulher ao descrever “o lugar da paixão, do reconhecimento [...] da dimensão com que nós, professoras que ensinamos esses cursos, ousamos nos entregar completamente, indo além da mera transmissão de informação” (p. 84).

A quarta característica é a consciência dos saberes no campo educacional e o entrelaçamento com outros campos disciplinares. Identifica-se, nos relatos da Professora Ventania e da Professora Solar, que:

[...] em todas as disciplinas que lecionei na minha vida acadêmica tentei abordar, pelo menos, uma referência textual que falasse de gênero independente de qual curso fosse, por exemplo: Educação, Administração ou Ciências Contábeis. (Professora Ventania, dezembro de 2020)

[...] durante todo esse processo formativo e profissional em que eu fui muito mobilizada pelas questões do feminismo e, também, pelo campo dos estudos de gênero e sexualidade, e do campo curricular, eu fui direcionando a minha carreira, tanto no que diz respeito às pesquisas que eu propus, às pesquisas que eu oriento, e também as disciplinas que eu ministrei; tratar (...) sobre essas questões, estudando essas questões e ensinando essas questões. (Professora Solar, janeiro de 2021)

Paraíso (2019) salienta que gênero “esteve presente em minhas aulas desde a primeira que ministrei no Ensino Superior, e continua presente até hoje” (p. 81). Dinis (2008) aponta que “incluir os estudos sobre gênero nos cursos de formação de professores/as, divulgar as principais produções bibliográficas sobre o assunto, incentivar novas pesquisas” (p. 488) refletem uma nova perspectiva curricular. Em consideração a isso, identifica-se a conexão do tema gênero, sexualidade, na tríade ensino, pesquisa e extensão.

Fiz uma pesquisa com foco na comparação das prescrições curriculares oficiais do Brasil e Estados Unidos, especialmente no estado de Illinois. O foco foi nas questões de gênero e sexualidade que têm me mobilizado muito fortemente; e com o advento da Base Nacional Comum Curricular com recorte para a proposta deste documento na esfera do Ensino Médio. Busquei analisar as questões de gênero e sexualidade numa perspectiva comparada nesses documentos curriculares. (Professora Solar, janeiro de 2021)

[...] essa transversalidade, ela é polissêmica, é uma transversalidade de curso, de unidades, na universidade, de departamento, de área temática; é uma transversalidade que também articula Pesquisa, Ensino e Extensão; é uma transversalidade que lida com a universidade e fora da universidade. [...]. Então, esse é o caráter da transversalidade, e ele tem que ser atrativo para qualquer aluno da UFMG; deve se sentir, de alguma forma, mobilizado a fazer curso, (...) ele é

uma pessoa que está interessado em discutir Sexualidade e Gênero. (Professora Pietro, dezembro, 2020)

As percepções da docente Solar e do docente Pietro relacionam-se ao pensamento de Dinis (2008) ao mencionar que a “universidade tem sido chamada a sua responsabilidade diante dessas discussões, principalmente quando se refere a cursos de formação de professores/professoras” (p. 102). De forma complementar, Paraíso (2019) visualiza a universidade como um fértil ambiente que possibilita “transformar conhecimento acumulado em questões de vida, em interrogações do presente, em propostas criativas” (p. 75).

Ficaram evidenciadas também as visões da docência sobre as atitudes do grupo de estudantes em suas turmas. As percepções das atitudes da docência foram caracterizadas pela busca do entendimento da temática de gênero e diversidade para a prática profissional e as motivações pessoais em cursar as disciplinas: Educação, Sexualidade e Gênero; Gênero e Educação; e Tópicos em Gestão da Educação: Gêneros e sexualidades nos currículos. Na percepção da Professora Solar,

[...] as estudantes apresentam um desejo grande de aperfeiçoamento da prática profissional para atuarem na escola, relata o caso de uma estudante do curso de Medicina que gostaria ter uma prática mais assertiva e fundamentada. Outro fator relacionado à disciplina tem vínculo com questões pessoais muito cruéis, com violências e violações, de toda ordem, de toda espécie; mas também alguns casos são motivados pela percepção óbvia de que essas questões são muito caras à sala de aula. (Professora Solar, janeiro de 2021)

Assim sendo, nota-se que tais elementos caminham na perspectiva de potenciais condicionantes das características nos movimentos curriculares das disciplinas em si, pois o currículo é constituído por “saberes diversos e com capacidades variadas; por sentidos múltiplos e com inúmeras possibilidades” (Paraíso, 2010, p. 153). Na relação discursiva com as professoras e o professor entrevistados, observou-se a alta demanda pela formação transversal.

Na análise da Professora Ventania e do Professor Petrus, os estudantes têm várias opções de escolha na formação transversal e a procura cresce cada vez mais com o passar das ofertas. Entretanto, ainda no eixo de Gênero e Sexualidade: Perspectivas *Queer*/LGBTI, a disponibilidade de disciplinas é pequena. Constatou-se também a existência de disciplinas com os marcadores de gênero e sexualidade em outros eixos da formação transversal, por exemplo

nos eixos de: Formação Transversal em Relações Étnico-Raciais, História da África e Cultura Afro-Brasileira e Formação Transversal em Direitos Humanos. Com essa alta demanda, supõe-se que a formação transversal tem se aproximado de um currículo que deseja, que pode propiciar a criação de novas sensibilidades, porém dependente de ofertas na matriz curricular.

Outro fator evidenciado nas entrevistas indica que os conteúdos estão pulverizados em disciplinas de vários departamentos.

A gente tem, assim, na FaE, para ser honesta, a gente não tem as disciplinas; mas, assim, de uma forma ou de outra, isso é um movimento que é interessante até que eu acho que, do ponto de vista transversal, do Curso de Graduação, não da formação transversal, mas dentro do Curso de Pedagogia, é uma coisa que eu acho que até é legal, embora seja pulverizado. (Professora Ventania, dezembro de 2020)

A Professora Ventania descreve suas percepções sobre o currículo de Educação Superior no ponto de vista da transversalidade de Gênero e Sexualidade de forma bem ampla, pois, em um primeiro momento, ela reconhece a existência das disciplinas e, depois, destaca a fragmentação desses conteúdos.

Pelo exposto, foi possível notar também, nas leituras do Professor Petrus e da Professora Sol, a abordagem desses marcadores na interface: currículo, sexualidade e gênero, sendo conteúdos que se restringem às disciplinas optativas e, quando há oferta por parte dos docentes, um fator favorável é a abertura de vagas para a formação complementar. Isso consiste em um olhar atento por parte da docência na oferta dessas vagas como possibilidade.

Outro aspecto que surgiu e que subsidiou a construção das disciplinas remete às práticas pedagógicas e à ampliação por saberes de gênero e sexualidade. A Professora Solar relatou:

Propus junto à turma um mapeamento de práticas curriculares com ênfase em gênero e sexualidade que consideravam exitosas. Na minha percepção, tenho buscado observar há alguns anos essas ações pedagógicas, para que possamos dar visibilidades a essas práticas. É por meio dessas práticas que identificamos as lutas para alterar as condições desiguais, injustas em relação à gênero e sexualidade (Professora Solar, janeiro de 2021).

As práticas pedagógicas e a ampliação por saberes de gênero e sexualidade revelam a potência dessas discussões na sala de aula no âmbito da universidade com atenção para a

formação docente, pois propicia dialogar como outros marcadores. Butler<sup>10</sup> (2018) destaca a “atuação das/os pesquisadores/as-docentes que atuam e lutam em várias frentes de forma associada entre a pesquisa e o ativismo, [...] pois podem estar tentando ampliar a base curricular para aprendermos sobre minorias”. Pode-se pensar, por exemplo, na expansão dessa discussão com os direitos humanos em outros contextos e as formas curriculares que vão se desenhando com um currículo que deseja<sup>11</sup>.

Tive uma aluna que era muçulmana, e ela solicitou que a discussão do feminismo islâmico fosse abordada em sala de aula. Eu nunca tinha ouvido falar desse feminismo islâmico, mas achei a ideia genial, e a turma adorou, e essa aluna deu a aula para a gente; ela fez uma pesquisa, a partir dessa demanda que ela apresentou, e deu uma aula para a gente. Foi bárbaro. Bárbaro. Aprendi muito e coisas que eu nunca imaginei, que eu desconhecia completamente a perspectiva dessa discussão sobre o Oriente, pois temos, realmente temos pouco acesso. Porém isso é para te dar um exemplo de alteração e de flexibilização do conteúdo curricular a partir das demandas que elas apresentaram; especialmente, pela ocasião do memorial. (Professora Solar, janeiro de 2021)

O relato da docente expõe a existência de uma prática pedagógica dialógica, destacando um currículo aberto para a experimentação e o desejo de aprender com o/a outro/a, abrindo possibilidades para o questionamento sobre os saberes, as subjetividades. Na disciplina Gênero e Educação, ofertada em 2018, a Professora Ventania narrou a complexidade de trabalhar gênero e sexualidade:

O público da disciplina reconhece a importância da discussão, inclusive outros marcadores como a questão étnico-racial. Na questão da sexualidade, acaba entrando muito a partir das pautas LGBT. Por um lado, é bom, mas, por outro lado, também na formação de professores talvez fosse importante você ter um espaço um pouco maior para discutir essas questões, porque inclusive, pensando coisas sobre a escola ser da Rede de Proteção Básica da Criança; então, o professor saber identificar, ou encaminhar um caso de abuso, que ele identifique casos de pedofilia e de demais de violência. Então, não é só a questão LGBT, seria importante você ter uma formação um pouco mais adensada com relação a essas questões (Professora Ventania, dezembro de 2020).

Observou-se que as percepções da Professora Ventania retomam saberes que as/os acadêmicas/os em Pedagogia necessitam desenvolver na formação; ela busca evidenciar

---

<sup>10</sup> Para mais detalhes da entrevista de Judith Butler sobre os estudos acadêmicos, sugere-se acessar o canal da TV Boitempo no Youtube. Recuperado em 5 de janeiro de 2020 de <https://www.youtube.com/watch?v=3H-F4Non39E>

aspectos do cotidiano da Educação Básica que recebem encaminhamentos dos mais diversos ligados aos seus trajetos de formação. Além disso, ela reconhece que há saberes que estão vinculados à compreensão de mundo e à construção de práticas de currículo com o olhar da diferença.

Diante do exposto, cabe analisar e dialogar com percepções das/os universitárias/os sobre o currículo da Pedagogia no âmbito da formação transversal em gênero e sexualidade, pois esses movimentos curriculares apresentam experiências, visões sobre o currículo como campo de produção do conhecimento e abertura para outras disciplinas na instituição; envolvem, também, a relação da formação transversal com as demandas da sociedade, o mundo do trabalho e a Educação Básica. Para Louro (2007), “as transformações trazidas por esses campos, [...] ultrapassam o terreno dos gêneros e da sexualidade e podem nos levar a pensar, de um modo renovado, a cultura, as instituições, o poder, as formas de aprender” (p. 212) e de ensinar. Na relação com a inserção dos marcadores de gênero e sexualidade na educação, identificam-se algumas percepções que descrevem os seguintes pontos:

Noto essas discussões nas aulas da Faculdade de Educação da UFMG. Principalmente nas aulas de Estágio, já que é um momento de compartilhar as experiências da sala de aula da educação básica. As questões de que envolvem gênero e sexualidade aparecem o tempo todo nas escolas e na FaE é um momento de discuti-las (Universitário Damon).

Disciplinas transversais principalmente. Apesar de serem de áreas diferentes elas entram mesmo que minimamente nas questões de gênero e sexualidade que são vivenciados na escola, até porque aparece nos relatos dos alunos essa ligação do tema e da vivência escolar (Universitária Angel).

Muito rasa, a única matéria que tem na graduação não é obrigatória e não é um tema que perpassa outras disciplinas (Universitária Elektra).

Observa-se nos relatos, de forma inicial, o reconhecimento do espaço do estágio como prática pedagógica que promove o compartilhamento de experiências, aprendizados e a busca por saberes, além de aprofundamento teórico e prático sobre gênero e sexualidade. No segundo momento, aparecem a ênfase nas disciplinas transversais e os processos educativos que tal formação transversal cruza com o espaço escolar. Consecutivamente, emerge, no último relato, alguns dos desafios sobre a estruturação da disciplina como inserção na matriz curricular, densidade teórica e prática na instituição, bem como o olhar analítico da universitária.

A partir dessas reflexões, a proposta de criação da formação transversal com um eixo específico em Gênero e Sexualidade: Perspectivas *Queer/LGBTI* ofertada no curso de Pedagogia denota uma experiência que envolve criatividade, pluralismo de ideias e desafios ao trabalhar com composições que potencializam a vida. A princípio, essa proposta curricular delinea-se como uma estratégia de inovação pedagógica, pois busca compreender as demandas que surgem na formação docente. As práticas pedagógicas realizadas nesse currículo propiciam um fortalecimento da docência ao conjugar saberes de diversos campos e experiências ocorridas na sala de aula, nas universidades e em espaços não formais de educação. Compreende-se que as disciplinas transversais com foco em gênero e sexualidade na Faculdade de Educação da UFMG propiciam a construção de saberes e práticas que envolvem traçar percursos formativos com abertura para uma formação cidadã e plural e que também sinaliza uma flexibilização curricular.

### **Considerações finais**

Este texto teve como objeto de análise a compreensão dos modos como são as composições curriculares das disciplinas transversais com foco em gênero e sexualidade no curso de Pedagogia da UFMG. As análises permeiam mapeamentos das disciplinas ofertadas, a revisão de literatura sobre as temáticas e o recorte de fragmentos de falas de três docentes que lecionaram três disciplinas e discentes que cursaram em algum momento as disciplinas. A partir dessas exposições, ficou evidenciado que o currículo gênero e sexualidade no Ensino Superior se realiza na composição do estranhamento, da resistência, da invenção, da criatividade e na percepção do currículo como território de afirmação da vida.

Analisar como são os movimentos curriculares das disciplinas transversais com foco em gênero e sexualidade como estratégias de inserção dessas temáticas na Graduação em Pedagogia implica compreender quais currículos e saberes demandam serem incluídos na relação da produção de conhecimentos e como são constituídos no âmbito do currículo na formação docente. A formação das/os licenciandas/os em Pedagogia tem vínculo direto com a função social da Educação Básica que promove a construção da cidadania com as infâncias, adolescências, juventudes e pessoas idosas. Ficou evidenciado também a percepção analítica

das/os universitárias/os sobre as composições curriculares e os questionamentos sobre as relações complexas com os saberes, poder e subjetividades.

Os excertos de pesquisa evidenciam que a proposta das disciplinas transversais ofertadas na UFMG no eixo Gênero e Sexualidade: Perspectivas *Queer*/LGBTI na Graduação em Pedagogia apresentam um percurso de inovação na perspectiva da interdisciplinaridade e da transversalidade. Os movimentos curriculares das disciplinas no eixo Gênero e Sexualidade: Perspectivas *Queer*/LGBTI apresentam possibilidades na constituição de novos saberes que buscam romper com a perspectiva cisheteronormativa, com a visão euroanglocêntrica. Indicam, também, desafios na ampliação das ofertas por profissionais com conhecimentos nas temáticas e maior regularidade na Faculdade de Educação. Nota-se que elas surgem com o intuito de alargar o escopo de atuação da docência, porém as demandas institucionais da docência, pesquisa e extensão bem como o número reduzido de profissionais dificultam a regularidade da oferta.

As análises das composições curriculares das disciplinas no eixo Gênero e Sexualidade: Perspectivas *Queer*/LGBTI denotam um campo fértil de experiências que subsidiam o desbravamento para novos percursos da formação da docência, propiciam caminhos para outros territórios e estimulam currículos criativos e de afirmação das vidas.

Esta pesquisa indica a necessidade de aprofundamentos em outras áreas no âmbito institucional e, também, em outras Instituições de Ensino Superior no território brasileiro. Nesse sentido, recomendam-se pesquisas no âmbito da constituição histórica das disciplinas com foco em gênero e sexualidade no Ensino Superior, mapeamento de competências transversais de gênero e sexualidade na Graduação em Pedagogia, incluindo a modalidade de Educação a Distância. Cabe indicar pesquisas futuras com análises de percepções da docência e das/os acadêmicas/os sobre as práticas pedagógicas com ênfase nessas temáticas.

## Referências

- Andrade, S. dos S., Meyer, D. E. E., & Barzotto, C. (2019). Transversalidade de gênero em políticas públicas: uma revisão de literatura. *Práxis*, 16(2), 80-106. <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.1816>
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: manual prático*. Vozes.

- Butler, J. (2018). *Reflexão acadêmica e militância política*. TV Boitempo. Recuperado em 5 de janeiro de 2021 de <https://www.youtube.com/watch?v=3H-F4Non39E>
- Campos, E. S. (2011). *Formação docente e relações de corpo, gênero e sexualidade na educação: entendendo conceitos e refletindo ideias* (Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo). Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. TEDE Metodista. [http://tede.metodista.br/jspui/simple-search?location=tede%2F948&query=Forma%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o+docente+e+rela%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es+de+corpo%2C+g%C3%83%C2%AAnero+e+sexualidade+na+educa%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o%3A+entendend+o+conceitos+e+refletindo+ideias+&rpp=10&sort\\_by=score&order=desc](http://tede.metodista.br/jspui/simple-search?location=tede%2F948&query=Forma%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o+docente+e+rela%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es+de+corpo%2C+g%C3%83%C2%AAnero+e+sexualidade+na+educa%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%A3o%3A+entendend+o+conceitos+e+refletindo+ideias+&rpp=10&sort_by=score&order=desc)
- Carvalho, M. E. P. de., Rabay, G., & Morais, A. B. A. de (2013). Pensar o currículo da educação superior da perspectiva da equidade e transversalidade de gênero e do empoderamento das mulheres: uma breve introdução. *Espaço do Currículo*, 6(2), 317-327. <https://doi.org/10.15687/rec.v6i2.17153>
- Castro, R. P. (2014) *Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero e sexualidades e formação em Pedagogia* (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Juiz de Fora). Repositório da UFJF. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/1334#:~:text=Resumo%3A-Experi%C3%Aancia%20e%20constitui%C3%A7%C3%A3o%20de%20sujeitosdocentes%3A%20rela%C3%A7%C3%B5es%20de%20g%C3%AAnero%2C%20sexualidades%20e,G%C3%AAnero%2C%20Sexualidade%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20E2%80%9D>.
- Costa, S. G. da. (2014). *Narrativas audiovisuais e redes de significações sobre gênero e sexualidades nos/com os cotidianos de um curso de formação de professores* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ. <https://www.btd.uerj.br:8443/handle/1/10632>
- Dinis, N. F. (2008). Educação, relações de gênero e sexualidade. *Educação & Sociedade*, 29, 477-492. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000200009>
- Ferrari, A., Castro, R. P. de, & Oliveira, D. A. de. (2021). A universidade, a formação e a pesquisa. *Imagens da Educação*, 11(2), 163-189. <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v11i2.54404>
- Ferreira, T. de S. (2013). *Entre o real e o imaginário: problematizando o currículo do curso de Licenciatura em Pedagogia em relação a gênero e sexualidade Feira de Santana, BA* (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Feira de Santana). Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UEFS. <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/216>
- Hampel, A. (2013). “A gente não pensava nisso...”: *educação para a sexualidade, gênero e formação docente na região da Campanha/RS*. (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). LUME Repositório Digital. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/83298>
- Hooks, B. (2000). Eros, erotismo e processo pedagógico. In G. L. Louro (Ed.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (1ª ed., pp. 113-123). Autêntica.

- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Vozes.
- Louro, G. L. (2000). Corpo, escola e identidade. *Educação & Realidade*, 25(2), 59-75.
- Louro, G. L. (2007). Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 46, p. 201-218.
- Martins, W. de J. F. (2012). *Gênero e sexualidade na formação docente: uma análise no curso de pedagogia da UFMA* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Maranhão). TEDE da UFMA. <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/227>
- Meyer, D. E. (2001). Escola, currículo e produção de diferenças e desigualdades de gênero. In L. Scholze (Org.), *Gênero, memória, docência* (1ª ed., pp. 29-34). Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre.
- Meyer, D. E., & Paraíso, M. A. (2014). Apresentação: Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações. In D. E. Meyer, & M. A. Paraíso (Orgs.), *Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação*. (1ª ed., pp. 15-22). Mazza.
- Paraíso, M. A. (1997). Compreendendo a seleção dos conteúdos num curso de formação docente. *Educação em Revista*, 20-25(25), 86-98.
- Paraíso, M. A. (2010). É possível um currículo fazer desejar? In M. A. Paraíso (Org.), *Pesquisas sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades* (1ª ed., pp. 153-168). CRV.
- Paraíso, M. A. (2019). *Uma vida de professora que forma professoras/es e trabalha para o alargamento do possível no currículo*. Brazil Publishing.
- Paraíso, M. A., & Caldeira, M. C. da S. (2018). *Pesquisa sobre currículos, gêneros e sexualidades*. Mazza Edições.
- Reis, G. L. (2011). *O gênero e a docência: uma análise de questões de gênero na formação de professores do Instituto de Educação Euclides Dantas* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia). Repositório da UFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/12015>
- Sacristán, J. G. (2013). A função aberta da obra e seu conteúdo. In J. G. Sacristán (Org.), *Saberes e incertezas sobre o currículo*. (1ª ed., pp. 9-15). Penso.
- Santos, V. L. dos. (2011). *Representações de gênero nas falas das professoras da pré-escola e primeiro ano do ensino fundamental que atuam no município de Corumbá, MS*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul). Repositório da UFMS. <https://ppgecpan.ufms.br/valeria-lopes-dos-santos-representacoes-de-genero-nas-falas-das-professoras-da-pre-escola-e-primeiro-ano-do-ensino-fundamental-que-atuam-no-municipio-de-corumbams/>
- Sardenberg, C. (2011). Da transversalidade à transversalização de gênero: aportes conceituais e prático-políticos. In A. A. A. Costa, A. T. Rodrigues, & E. S. Passos (Orgs.), *Gênero e diversidade na gestão educacional* (2ª ed., pp. 17-42). UFBA/NEIM.

- Silva, C. M. S. (2012). *Relação escola e famílias homoafetivas: visão de discentes de Licenciatura em pedagogia* (Dissertação de Mestrado, Universidade Católica do Salvador). Repositório da UCSAL. <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/123456730/88>
- Silva, T. T. da. (2007). *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Autêntica.
- Universidade Federal de Minas Gerais. (2014). *Resolução Nº 19, de 7 de outubro de 2014*. Regulamenta a oferta de “Formação Transversal” aos alunos dos cursos de graduação da UFMG. Recuperado em 1 de dezembro de 2020 de <https://www.ufmg.br/prograd/arquivos/docs/CEPE19.pdf>
- Universidade Federal de Minas Gerais. (2016). *Formações Transversais Catálogo – 2016/02*. Recuperado em 1 de dezembro de 2020 de <https://www2.ufmg.br/prograd/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Estudante/Formacao-Transversal/Formacao-Transversal-Apresentacao>
- Universidade Federal de Minas Gerais. (2017). *Formações Transversais Catálogo – 2017/02*. Recuperado em 1 de dezembro de 2020 de <https://www2.ufmg.br/prograd/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Estudante/Formacao-Transversal/Formacao-Transversal-Apresentacao>
- Universidade Federal de Minas Gerais. (2018a). *Formações Transversais Catálogo – 2018/01*. Recuperado em 1 de dezembro de 2020 de <https://www2.ufmg.br/prograd/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Estudante/Formacao-Transversal/Formacao-Transversal-Apresentacao>
- Universidade Federal de Minas Gerais. (2018b). *Formações Transversais Catálogo – 2018/02*. Recuperado em 1 de dezembro de 2020 de <https://www2.ufmg.br/prograd/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Estudante/Formacao-Transversal/Formacao-Transversal-Apresentacao>
- Universidade Federal de Minas Gerais. (2018c). *Formações Transversais Catálogo – 2018/02: formação transversal em gênero e sexualidade: perspectivas Queer/LGBTI*. Recuperado em 1 de janeiro de 2021 de <https://www2.ufmg.br/prograd/prograd/Pro-Reitoria-de-Graduacao/Estudante/Formacao-Transversal>
- Unbehaum, S. G. (2014). *As questões de gênero na formação inicial de docentes: tensões no campo da educação* (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Repositório da PUC-SP. <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/9805>
- Vianna, C. (2001). A produção acadêmica sobre organização docente. *Educação & Sociedade*, XXII(77), 100-130.
- Vianna, C. (2002). O sexo e o gênero da docência. *Cadernos Pagu*, 17/18, 81-104.

Recebido: 20/11/2021  
Aceito: 11/02/2022  
Publicado: 21/03/2023

NOTA:

Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.